

Aula Paraná segue o modelo ideal recomendado pela Unesco

Ensino à Distância (EaD) do Governo do Estado – o Aula Paraná, segue o modelo ideal da Unesco, órgão para educação vinculado à ONU, para manter a boa qualidade de ensino no período de isolamento social do novo coronavírus.

Publicado há uma semana, o documento Co-alizão Global de Educação defende a implantação de multiplataformas para facilitar o acesso de ensino ao estudante, fornecendo apoio no ensino e suporte para quem não tem acesso.

No site da rede de apoio criada pela Unesco é possível encontrar inclusive uma lista de soluções EaD que podem ser utilizadas por escolas, professores e estudantes ao redor do mundo. São ferramentas e aplicativos para diversos tipos de uso como aulas à distância, para avaliação e entrega de atividades, webconferências e até mesmo cursos digitais.

Entre as dezenas de soluções apresentadas pela Unesco estão o Youtube e o Google Classroom, duas das principais

ferramentas utilizadas atualmente no EaD Aula Paraná (disponível para Android e iOS), e que, segundo a Unesco, encontram-se entre as melhores do mundo para serem usadas neste momento de pandemia. Além disso o Estado tem ofertada sinal de TV Aberta, pacotes de 3G e 4G gratuitos e até atividades impressas para aqueles que moram em áreas mais afastadas.

CAMINHO CERTO - Para o Secretário de Estado da Educação e do Esporte, Renato Feder, o EaD/Aula Paraná está no caminho certo, dentro de tudo o que é proposto pelas principais autoridades e lideranças mundiais em Educação.

“Nosso objetivo aqui no Paraná vai ao encontro com tudo o que está sendo proposto pela Unesco durante essa pandemia global, inclusive utilizando plataformas que estão nessa lista, como Youtube e Classroom”, destacou o Secretário.

“Fizemos e estamos fazendo de tudo para que nossas crianças e jo-

vens não sofram tão gravemente as consequências desta pandemia e possam seguir com seu desenvolvimento neste ano ímpar que estamos vivendo”, completou.

MITIGAR EFEITOS - Com a inesperada interrupção das aulas presenciais e fechamento das escolas ao redor do mundo devido ao coronavírus, estima-se que mais de 1,2 bilhão de alunos tenham sido afetados em 186 países de todos os continentes.

Buscando mitigar os efeitos sociais, de desenvolvimento e econômicos na vida destes estudantes, a Unesco criou a Coalizão Global de Educação (Global Education Coalition), com uma série de alternativas e recomendações para que o impacto da mudança abrupta na rotina das crianças seja menor. E, seguindo todas estas recomendações, o Paraná tem sido um exemplo positivo de atuação.

De acordo com a Unesco, sem a aplicação de soluções EaD, os efeitos para os estudantes serão desastrosos e vão

desde pequenos problemas comportamentais e de socialização, problemas de nutrição e até mesmo grandes ondas de estresse entre alunos e professores, causando interrupção da aprendizagem ou ainda culminar no abandono escolar.

Por isso o Paraná, por meio do seu EaD tem atuado de maneira firme para manter os alunos ativos e em sala de aula virtuais, seguindo com seu calendário escolar e mantendo o ciclo normal de desenvolvimento destes alunos.

FUTURO PÓS-PANDEMIA – Para os líderes da organização estas alternativas propostas servirão também para as mudanças futuras dos sistemas de educação ao redor do mundo, permitindo a criação de sistemas cada vez mais inclusivos e igualitários:

“Esta Coalizão é um apelo a uma ação coordenada e inovadora para desbloquear soluções que não só apoiarão alunos e professores agora, mas também através



do processo de recuperação e no longo prazo, com foco principal na inclusão e na equidade”, resumiu Audrey Azoulay, diretora geral da Unesco no portal da Coalizão.

GLOBAL EDUCATION COALITION – A Global Education Coalition é uma rede de apoio criada pela organização que, entre outras ações, investe esforços em buscar soluções e alternativas de aprendizagem e ensino remotos (EaD) para “mitigar os efeitos disruptivos causados pelo Covid-19” e também “avançar no desenvolvimento de sistemas de educação mais abertos e flexíveis para o

futuro”.

No portal da organização, ela se apresenta como uma apoiadora dos países no desenvolvimento destas alternativas para Educação durante a pandemia: “a Unesco está apoiando os países em seus esforços para mitigar o impacto imediato do fechamento de escolas, particularmente para comunidades mais vulneráveis e desfavorecidas, e para facilitar a continuidade da educação para todos por meio de aprendizado remoto”.

A Coalizão é encabeçada pela Unesco e reúne, até o momento, mais de 70 organizações,

empresas, ONGs e canais de TV. Entre elas estão:

Organização Mundial da Saúde – OMS
Organização Internacional do Trabalho – OIT

Unicef
Banco Mundial
OECD
Google
Microsoft
Facebook
BBC

A lista completa de integrantes da Global Education Coalition, da Unesco, pode ser acessada neste site: en.unesco.org/covid19/educationresponse/global-coalition/

Fonte: aen.pr.gov.br

800 pessoas buscam soluções para pós-coronavírus

Um aplicativo que lembra os pacientes com doenças crônicas a tomar seus medicamentos no horário e os avisa quando o remédio está prestes a acabar. Uma plataforma que ajuda instituições públicas a definirem preços-base de licitações para compras de remédios, comparando os preços praticados nos mercados local, estadual e nacional, diminuindo os custos para o sistema de saúde.

Estas são algumas das soluções que estão sendo desenvolvidas pelas equipes que participam do Hack pelo Futuro. A iniciativa é da Superintendência Geral de Inovação do Governo do Paraná para encontrar ideias inovadoras que podem ajudar o Estado a minimizar os impactos da pandemia do novo coronavírus no curto, médio e longo prazo. A Associação das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (Assespro) também é parceira do hackathon.

A maratona de inovação, que é totalmente online, recebeu mais de mil inscrições e selecionou 800 participantes, que foram divididos em 124 equipes para desenvolver soluções que possam ser aplicadas nas áreas da saúde, economia, cultura e sociedade. São inovações que impactam, por exemplo, nos setores de comércio e serviço, na produção de eventos ou na área de saúde mental.

“Tem muitas ideias interessantes saindo do hackathon e que poderão

ser aplicadas na vida real. As equipes são de alto nível, são pessoas dispostas e comprometidas com seu projeto”, afirma o superintendente de Inovação, Henrique Domakoski. “As consequências que a crise do coronavírus traz precisam de respostas rápidas e certas, e é isso que o hackathon propõe, a criação de produtos e serviços que podem ser aplicados rapidamente na sociedade”, diz.

Nesta sexta-feira (1º), as equipes entregam o resultado pronto da solução criada. As três melhores soluções ganharão a oportunidade de alavancar seus projetos no Programa de Aceleração do Founder Institute Brasil.

MENTORIAS – Para desenvolver seus produtos, as equipes receberam mentoria com profissionais de diferentes áreas. São cerca de 230 mentores de vários estados e países que ficaram à disposição dos participantes para dar suporte aos projetos.

Ao longo da última semana, os grupos puderam acompanhar transmissões online com apresentação de conteúdos técnicos para terem mais embasamento no desenvolvimento dos projetos. “Pelo menos 80% desses participantes nunca tinham participado de um hackathon antes e a experiência está sendo incrível”, afirma Tiago Gavassi, fundador da startup Panic Lobster, que organiza o hackathon.

“Apresentamos a

metodologia de lean startup de uma forma muito clara e prática, para ajudá-los a tirar a ideia do papel, criar um protótipo rápido e ir para o mercado validar a solução criada”, explica Gavassi. “Eles tiveram que pensar e desenvolver rapidamente um produto ou serviço que trará impacto para a sociedade, um aprendizado que eles utilizaram no hackathon mas que também levarão para dentro de suas empresas e outros projetos”, diz.

A maratona foi dividida em quatro etapas: na ideiação, as equipes buscaram um problema e criaram uma tese de solução. Em seguida, na prototipagem, tiveram que desenvolver um pequeno protótipo dessa solução proposta. Depois, na validação, precisaram apresentar esse protótipo ao público-alvo para coletar feedbacks e identificar se o produto tem aderência no mercado. E por último o pitch, forma utilizada para comunicar esses projetos. Em uma semana, as equipes idealizaram e desenvolveram os projetos apresentados ao final do hackathon.

PROJETOS – As soluções criadas no Hack pelo Futuro vieram de profissionais dispostos a promover uma mudança real na sociedade. São professores, estudantes, médicos, engenheiros, entre outros profissionais que buscam melhorias para suas áreas. Foi uma oportunidade também para pesquisadores e acadêmicos tirarem seus

projetos do papel.

Um exemplo é o Núcleo Interdisciplinar de Gestão Pública da Universidade Estadual de Londrina (Nigep/UEL), que atua na produção de metodologias voltadas para a gestão pública. O projeto deles utiliza uma plataforma de BI (business intelligence) que ajuda a comparar o preço de medicamentos, o que pode gerar economia e agilidade na aquisição de remédios e insumos.

A ideia é fruto de diferentes pesquisas realizadas pelo Nigep nas prefeituras de Londrina e Arapongas e no Hospital Universitário da UEL. “Durante os processos licitatórios dessas instituições, o Nigep verificou que uma das etapas que mais demanda tempo é a formação de preço, impactando de forma significativa na agilidade da aquisição de bens e serviços”, explica o professor Saulo Amâncio Vieira.

“As mentorias do hackathon auxiliaram muito na discussão sobre a ferramenta, além de oferecer soluções que poderão ser incorporadas em um futuro próximo”, afirma Vieira. “O processo de validação com possíveis usuários e com diferentes partes interessadas no projeto tem sido uma excelente experiência”, diz.

Já estudantes do curso de Farmácia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) pensaram em um aplicativo para os pacientes de doenças crô-

nicas, como diabetes e hipertensão, que fazem uso contínuo de medicamentos, muitas vezes mais de um ao mesmo tempo.

“O paciente forneceria as informações sobre os medicamentos que usa e o aplicativo iria lembrá-lo do horário para tomar e quando a medicação estivesse próxima de acabar, para ele se programar para a compra”, explica o estudante Fabrício Costa Fanhani. “O sistema também iria buscar os melhores preços de medicamentos e insumos, além de identificar as farmácias mais próximas”, conta.

A ideia já tinha surgido há cerca de dois meses, e o hackathon está ajudando a delinear os passos que a equipe precisa seguir para implementar a ferramenta. “A experiência tem nos ensinado a entender

melhor como é empreender, uma visão que muitas vezes é difícil de adquirir na universidade, além de oferecer disciplina e foco naquilo que queremos”, afirma Fanhani.

O hackathon conta com a participação de estudantes e profissionais de todo o Brasil, como é o caso da equipe que desenvolve o Hub A(u)toral, formada por membros que vivem no Rio de Janeiro e no Amazonas. Influenciados pelas lives que estão fazendo sucesso na quarentena, eles querem criar uma rede que reúna artistas e produtores independentes para se organizarem em torno de projetos culturais, pensando também na divulgação de editais voltados para esse público.

“Esses profissionais estarão entre os últimos que voltarão à vida

normal de trabalho depois que passar a pandemia, e ainda há uma deficiência de ferramentas e comunicação entre eles”, conta o desenvolvedor de software Luan de Abreu Dias. “Entre outras funcionalidades, o site vai conectar esses profissionais, além de contar com uma agenda cultural e um espaço para apresentações ao vivo, transmitidas pela internet, dos artistas que compõem a rede”, explica.

“Toda essa experiência do hackathon traz uma bagagem muito grande para os nossos projetos e nossas vidas. Somos uma equipe que trabalha de forma remota, de regiões diferentes, e recebemos orientações dos mentores que nos ajudaram a desmembrar e encontrar um caminho para o nosso projeto”, afirma.

Fonte: aen.pr.gov.br

